

ra o tratamento do tema que desenvolve, de modo que, em conjunto, a contribuição germânica é encarada do ponto de vista brasileiro e não do alemão. Ao leitor superficial a posição assumida poderia, apesar de tudo, parecer a de uma História do Brasil "sub specie germanitatis", perigo contra o qual o próprio autor o adverte nas páginas finais.

O estudo de Oberacker se orienta todo êle por uma tese que lhe serve de pensamento unificador e que não deixará de suscitar discussão: a de que a contribuição alemã à formação brasileira, além de ser bem maior do que geralmente se pensa, serviu também, em muitos pontos, se não para corrigir, pelo menos para contrabalançar a uns tantos aspectos problemáticos ou mesmo negativos do sistema colonizador dos portugueses. Não se pode prever até que ponto essa tese logrará aprovação em nossos meios intelectuais. O certo é que, em sua fase atual, a apreciação histórico-cultural do elemento português, do indígena e do negro, bem como das correntes imigratórias européias e asiáticas destes últimos cento e cinqüenta anos, está longe de nos habilitar a um juízo por assim dizer definitivo. E não se acredite que um dia havemos de alcançar unanimidade a êste respeito, uma vez que no domínio dos problemas étnicos nem sempre prevalecem os argumentos de ordem racional.

Os historiadores brasileiros não aceitarão sem relutância tôdas as conclusões explícita ou implicitamente contidas no livro. Mas em todo caso não poderão ignorá-las. Basta a seriedade com que Oberacker expõe os seus pensamentos e especialmente a cópia de dados objetivos com que os apóia, para que ninguém, daqui para o futuro, tenha, por assim dizer, o direito de tratar dos mesmos assuntos sem tomar em consideração essa obra fundamental. Tem ela o mérito de proporcionar à historiografia brasileira novas perspectivas e de colocá-la diante de novos problemas. Sérgio Buarque de Holanda, que prefaciou o volume, compreendeu bem êste aspecto e acentuou-o de maneira clara e peremptória.

Trata-se, enfim, de um livro brasileiro. E' pena, por isso, que não tenha sido publicado em português, antes mesmo de se cogitar de uma edição em língua alemã. Em nossa opinião, a casa editôra que se propo-nha publicá-lo em vernáculo prestará um bom serviço à cultura nacional.

*Egon Schaden*

C. LÉVI-STRAUSS: *Tristes Tropiques*. 462 págs., com 53 ilustr. e um mapa e 62 fotogr. do autor fora do texto. Coleção "Terres Humaines". Librairie Plon. Paris, 1955.

O grande sociólogo francês dedica êste livro quase inteiramente às expedições exploradoras que, entre 1935 e 1938, realizou por grande parte do território brasileiro. Poucas páginas apenas são consagradas a uma viagem de estudos ao Paquistão e à Índia, feita por volta de 1950.

Não se trata de uma obra etnográfica em estilo tradicional. Não conhecêssemos o autor como sociólogo e etnólogo, as páginas de "Tristes Tropiques" nô-lo revelariam antes como filósofo da cultura e, sobretudo, como grande escritor. As observações do viajante não se enquadram numa descrição pluridimensional das culturas tribais estudadas, mas servem-lhe, ao contrário, como ponto de partida e às vêzes quase como pretexto para reflexões filosóficas sôbre a existência humana.

Lévi-Strauss veio ao Brasil como professor de Sociologia, integrando a missão cultural francesa contratada para a Universidade de São Paulo. Vinham, êle e seus colegas, cumprir importante tarefa numa terra que não possuía nada de comparável à tradição universitária dos países do Velho Mundo. E é bem nítida a consciência de "herói civilizador" com que Lévi-Strauss caracteriza o ambiente paulista de 1935 e, em especial, a mentalidade e a expectativa dos estudantes da recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Eram jovens incapazes ainda de assumir uma atitude adequada diante de doutrinas e idéias novas, incapazes de situar teorias tradicionais no contexto da atividade intelectual, incapazes de compreender o verdadeiro papel da erudição na formação do cientista: "...as suas dissertações, qualquer que fôsse o assunto, consistiam numa evocação da história geral da humanidade a partir dos símios antropóides, para concluir, através de algumas citações de Platão, de Aristóteles e de Comte, com a paráfrase de algum viscoso polígrafo cuja obra era tanto mais apreciada quanto a sua própria obscuridade tornasse provável que ninguém ainda tivesse tido a idéia de pilhá-lo" (págs. 99-100). Observação justa e injusta a um tempo. Justa, porque era isso mesmo. Injusta, porque, no contexto em que vem formulada, pode dar a idéia de que tal era pura e simplesmente a situação cultural do Brasil, e de São Paulo em particular.

O sábio explorador nos leva a acompanhá-lo em suas interessantes visitas a várias tribos ameríndias das regiões longínquas de Mato Grosso. Depois de rápida excursão aos Kaingáng do Brasil Meridional, vamos, com êle, tomar contacto com os índios Kaduvêo, remanescentes da grande "nação" Guaikurú e famosos artistas detentores de curioso estilo ornamental cuja interpretação tem desafiado a sagacidade dos que o investigaram; vamos conhecer os Borôro, índios de físico robusto e imponente, cujas cerimônias religiosas e cuja organização social sôbre base totêmica despertam desde logo o mais vivo interêsse do etnólogo; vamos partilhar durante meses a existência árdua e nada invejável dos Nambikwára, que na estação chuvosa cultivam as suas roças de mandioca, milho e fumo, e no tempo da sêca vagueiam pelos campos em procura de aranhas, gafanhotos e cobras, de frutos, raízes e mel silvestre; vamos, enfim, avançar até o domínio dos Tupí-Kawahíb, sôbre cuja organização social ainda pouco estudada obtemos uma série de conhecimentos novos e bem integrados.

Quem viaja, compara. E Lévi-Strauss não tem como não confrontar, por exemplo, os problemas da Ásia e da América tropicais, tão semelhantes em certos aspectos e tão diferentes numa infinidade de outros. A Ásia o amedronta por antecipar o futuro da humanidade em geral, enquanto a América indígena lhe merece ternura por evocar uma éra longínqua em que havia espaço para todos e em que a existência humana exprimia uma relação legítima entre o exercício da liberdade e os seus sinais (pág. 151). Do comêço ao fim, aliás, o relato do viajante revela a preocupação sincera de contribuir para a elaboração de um novo humanismo, em que se aproveitem os dados da Etnologia e da Sociologia. Tudo converge de algum modo para êsse mesmo objetivo: quer a sua discussão sôbre as origens da civilização; as suas idéias sôbre o dilema do etnólogo que, diante de culturas estranhas, ora é levado a encará-las do ponto de vista de seu próprio grupo, ora a compreendê-las por uma adesão a suas normas; quer o seu esforço por descobrir no estudo dos povos primitivos antes um recurso para a construção de um modelo teóri-

co da sociedade humana do que a revelação de um utópico "estado de natureza"; quer, enfim, as numerosas passagens em que o etnólogo se interroga a si próprio sobre o seu lugar no mundo e o sentido de sua tarefa. "Tristes Tropiques" encerra, assim, toda uma filosofia da cultura, sempre interessante e sugestiva, ainda que, vez por outra, o leitor se veja obrigado a discordar das idéias expostas.

Lévi-Strauss não nos promete um livro alegre e, não raro, as imagens e os pensamentos que apresenta são de fato sombrios, refletindo uma tristeza da qual todavia nem sempre é fácil dizer se emana das regiões tropicais ou do espírito de quem as interpreta. Assim mesmo, não faltam à narrativa a nota pitoresca e as passagens divertidas. A excepcional beleza do estilo, a plasticidade da descrição e a viveza dos comentários fazem de "Tristes Tropiques" uma das grandes obras de viagens sobre o Brasil. Oxalá a tradução brasileira, que ora se anuncia, seja preparada com o esmero que o livro merece.

*Egon Schaden*

MANUEL DIÉGUES JÚNIOR: *Etnias e Culturas no Brasil*. 121 págs. Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, Rio de Janeiro (1956).

Nestes últimos anos tem aumentado o interesse do leitor brasileiro pelos assuntos antropológicos e particularmente pelos processos de formação racial e cultural do País. Como, porém, os conhecimentos neste setor continuam muito fragmentários, não podendo, nem de longe, competir com o que já se alcançou no campo da história política e administrativa, afiguram-se talvez prematuras as tentativas de sistematização, bem como as exposições de síntese destinadas ao público não especializado na matéria. Entretanto, não deixam de ser úteis como orientação preliminar para quem tencione informar-se da situação atual das pesquisas.

E' o que pretende o livro de Diégues Júnior. O seu mérito é o de não dar a impressão de que já temos idéia bastante clara das tendências de nossa formação cultural no passado e no presente. Aviva, ao contrário, a consciência do muito que resta por fazer. E, à medida em que progredem na leitura, tanto o especialista como o leigo se compenetram cada vez mais da precariedade e dos perigos inerentes às fórmulas de fundo apriorístico, algumas das quais repetidas com pouco espírito crítico e tanto maior insistência desde meados do século dezenove. Diégues Júnior deixa entrever que os problemas são bem mais complexos do que o supunham os heróicos precursores de nossa Antropologia e Sociologia.

Já há dois ou três anos o autor havia publicado na coleção "Os Cadernos de Cultura" um ensaio com o mesmo título. Refundiu agora o texto, de maneira a fazê-lo constituir trabalho novo. Num dos capítulos introdutórios esboça a história dos estudos etnográficos no Brasil, em outro delinea o quadro natural das relações étnicas e de cultura, mais adiante apresenta um esquema de nossa Etnografia indígena e tenta explicar a influência ameríndia na formação da nacionalidade. A seguir, a caracterização dos antecedentes raciais e culturais do português lhe serve como ponto de partida para a discussão da herança lusitana, da contribuição do negro africano, dos resultados da mestiçagem e, finalmente, do papel dos grupos imigrantes de origem européia e asiática. Algumas páginas sobre a paisagem humana e cultural contemporânea e uma bibliografia sumária completam o volume.